RACE & CULTURE

A Story of Humanity Beyond Borders



Ferdinando Frega – Nando the Scribe

Gillettenarrative.com

GILLETTE: RAÇA & CULTURA

Certa vez morei seis meses num apartamento em Lisboa com gente de várias nacionalidades, e hoje, numa data dedicada a lembrar um dos capítulos mais funestos da humanidade — o fenômeno do racismo — quero contar uma história pessoal que me transformou.

Cheguei àquele apartamento, na periferia extrema de Lisboa, uma das áreas mais pobres e degradadas, de maioria lusófona, com gente do Brasil, de Angola, de São Tomé, de Mogadíscio, de Madagascar e alguns do próprio Portugal.

A língua não me era familiar, mas em certas gírias lembrava formas dialetais da minha cidade — e a memória histórica de que os portugueses um dia colonizaram a minha terra não era apenas provável, era certa.

Uma expressão que sempre me fazia sorrir era quando diziam, em português, FOCU MEU — que em dialeto calabrês tem o mesmo significado.

Eu prestava atenção em tudo. Alfonso, Osvaldo, Paolo, Roberto, Antonio, Ramon me esperavam toda noite para o jantar. Eu era o mais velho, e eles queriam as minhas histórias.

Uma história que entrou para a história foi a da bruschetta, bussetta e busadero — três palavras, três coisas completamente diferentes — e eu brincava com isso, tecendo minhas histórias, fingindo não entender, criando de propósito sobreposições e mal-entendidos, e todo mundo acabava chorando de rir.

Eles me faziam contar as histórias em português, e no fim de cada uma eu soltava um “vaffanculo” em italiano, como uma espécie de desabafo libertador, e todos sorriam.

Ninguém nunca reparou na cor da minha pele. Eu era o único branco entre tantas outras cores, mas à noite, reunidos, éramos um arco-íris de felicidade e sorrisos.

Eles até cuidavam para que eu tivesse o que comer quando eu não tinha dinheiro para comprar, e faziam isso com dignidade e elegância, sempre me dizendo que eu era um

professor de comunicação, um malandro com as mulheres e alguém que tinha feito da própria mente um tesouro para doar, nunca para explorar.

Então, a quem me lê: é assim um mundo em movimento — e, quando você menos espera, chega a ajuda mais impensável, do jeito que só os portugueses sabem dar.

Adeus, amigos,
Ferdinando